

PROVA DO PROCESSO SELETIVO - 2024

Leia os textos a seguir e observe a imagem:

Texto 1

Pergunta: Seus pais vieram para o Rio quando?

Anderson França: Minha mãe veio em 1968. Minha família sai de Caruaru e Gravatá e vai para Recife. A minha mãe, a minha avó e as minhas irmãs são as verdadeiras presenças criadoras e educadoras (...) elas chegam fugindo daquele estado de pobreza no Nordeste e aceitam trabalhar em qualquer coisa aqui. E o nordestino, naquele momento, não tem vínculos com a cidade. Então eu cresci numa casa em que a gente não ia para a Lapa sambar ou tomar cerveja. Porque aquilo não é o nosso lugar (...) também não íamos para o Pão do Açúcar ou o Corcovado. Aquilo era “do carioca” (...) O nordestino ainda hoje passa por isso, ele não é uma pessoa que se apropria da cidade. Hoje, um grande núcleo de nordestinos mora na Rocinha, na Nova Holanda e no Parque União, no Complexo da Maré, e sai de casa para o trabalho e do trabalho para a casa nas favelas. O que eles entendem por circulação é ir ao restaurante que fica dentro da Nova Holanda ou ir para a igreja evangélica. Então, a vida social desse cara é resolvida dentro da própria favela. Se ele vai a um shopping da zona norte, se sente desconfortável. E nem entra num shopping da zona sul (...) A primeira vez que fui ao Leblon já tinha 21 anos – para você ter uma ideia de como o Rio é uma cidade segregada.

Pergunta: Você diz que é mais empreendedor social do que escritor. E que “a direita romantiza o empreendedorismo como a esquerda romantiza o trabalhador”. O que quer dizer?

Anderson França: Que a questão não é livre-iniciativa *versus* carteira assinada. Ambas podem ser positivas ou mera ilusão. É por isso que tenho pensado em renomear o que a gente faz na Universidade da Correria (...) [Nela] que é basicamente um projeto de educação, a gente está empreendendo um coletivo – pessoas impulsionando umas às outras. Uma rede de pessoas, que funciona também no projeto A Pequena Cozinha, da Suelen (...).

(Anderson FRANÇA, autor de *Rio em Shamas*, em entrevista intitulada *Coração Suburbano - A luta diária de Anderson França para melhorar a vida de outros invisíveis, como ele foi um dia* na Revista Trip nº 269, de 23/10/2017)

Texto 2

"... os 'manos' têm uma ideia um pouco mais precisa de sua revolução, a começar pelas armas: sua palavra em primeiro lugar. Em seguida, sua "consciência", sua "atitude" – expressões empregadas insistentemente nas letras dos *Racionais*, e que em termos gerais significam: orgulho da raça negra e lealdade para com os irmãos de etnia e de pobreza. Sabem para quem estão falando, e sabem sobretudo *de onde* estão falando: 'Mil novecentos e noventa e três, fodidamente voltando, Racionais/ usando e abusando de nossa liberdade de expressão/ um dos poucos direitos que um jovem negro ainda tem neste país/ Você está entrando no mundo da informação/ autoconhecimento, denúncia e diversão/ Este é o raio-X do Brasil, seja bem vindo' (*Fim de semana no parque, Mano Brown e Edy Rock*). Os quatro jovens integrantes do grupo (...) recusam qualquer postura de *pop-star*. Para eles, a questão do reconhecimento e da inclusão não se resolve através da ascensão oferecida pela lógica do mercado (...) O tratamento de "mano" não é gratuito. Indica uma intenção de igualdade, um sentimento de fratria, um campo de identificações *horizontais*, em contraposição ao modo de identificação/dominação *vertical*, da massa em relação ao líder ou ao ídolo. As letras são apelos dramáticos ao semelhante, ao irmão: junte-se a nós, aumente nossa força. Fique esperto, fique consciente – não faça o que eles esperam de você, não seja o "negro limitado" (título de uma das músicas de Brown) que o sistema quer, não justifique o preconceito dos "racistas otários" (título de outra música). A força dos grupos de rap (...) vem de seu poder de inclusão, da insistência na igualdade entre artistas e público, todos negros, todos de origem pobre, todos vítimas da mesma discriminação e da mesma escassez de oportunidades (...) a maior parte das faixas dos CDs dos *Racionais*, há uma mudança de atitude, partindo dos *rappers* e pretendendo modificar a autoimagem e o comportamento de todos os negros pobres do Brasil.

(Maria Rita KEHL. Radicais, Raciais, Racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. In São Paulo em Perspectiva, 13(3), 1999)

Texto 3

“**Lincoln** [Péricles, cineasta do Capão Redondo – São Paulo]: Vivi muito tempo na quebrada sem sair de lá. Quando atravesssei a ponte e vi o corre do cinema, achei estranho como as pessoas olhavam pra nós, como viam a política. Não tenho interesse na dicotomia classe média e quebrada... Sei muito bem onde eu tô e daonde eu olho. O que é uma limitação pra você, pra mim é um universo a se expandir”

(Jean-Claude Bernardet; Sabina Anzuategui. *Wet mácula*. Memória/rapsódia. São Paulo: Companhia das Letras, 2023, p. 31)

Imagem 01.



"Depois da chuva" (exposição Brincando com o vento, 2024), Thiago Goms, artista plástico e DJ, nascido na periferia de São Paulo.

Proposição:

Os textos e a imagem ilustram o quadro de vida atual de parte significativa da sociedade brasileira. Considerando o perfil dessa população e seus territórios, redija um texto que relacione:

- a importância de culturas compreendidas como periféricas na constituição da sociedade brasileira e no entendimento do Brasil contemporâneo, não deixando de levar em conta a problemática associada a essa conceituação de "culturas periféricas".